



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF
II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

NÓVOA: UMA FORMA DE ROMPER COM O ACHISMO NA PEDAGOGIA

Autor: Pedro Weslei de Oliveira Silva¹

Orientador: Manuel J. Pina Fernandes²

Neste trabalho será estabelecido um diálogo entre a realidade vivenciada numa visita feita a uma turma de 5º do ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Crato-CE, com as leituras e discussões sobre o pensar a formação de Antonio Nóvoa, desenvolvidas no Núcleo de Pesquisa e Estudo dos Movimentos Sociais e Educação-NUPEMSE e as reflexões coletivas acerca da maneira como o curso de Pedagogia da URCA vem formando os futuros professores.

Durante as experiências que tivemos no decorrer do curso de Pedagogia da URCA do qual estou aluno, sempre nos deparamos com um enorme hiato entre as bandeiras teóricas que os professores levantavam e o que de fato estava acontecendo nas escolas de ensino infantil e fundamental. O nosso curso parece estar formando professores para situações alheias à realidade, vemos muito discurso e pouca ação. No momento, essa graduação está formando professores para encontrarem escolas perfeitas e alunos perfeitos. Essa não é a realidade.

De maneira nenhuma queremos afirmar que as leituras não são importantes e tampouco que apenas a prática resolveria, como nos ensina Freire (1987) a teoria pela teoria se torna um blábláblá e a prática pela prática se torna ativismo, ao lermos essa afirmação deduzimos que isso é óbvio, e se é óbvio porque não mudamos isso no nosso curso?

Nóvoa (2007 p.04) corrobora as palavras de Freire quando ressalta:

O excesso dos discursos esconde uma grande pobreza das práticas. Dito de outro modo: temos um discurso coerente, em muitos aspectos consensual, estamos de acordo quanto ao que é preciso fazer, mas raramente temos conseguido fazer aquilo que dizemos que é preciso fazer.

¹ Graduando em Pedagogia na Universidade Regional do Cariri-URCA.

E-mail wesleipedagogia@gmail.com

² Prof. Dr. Depto de Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA, Coordenador do NUPEMSE. E-mail: profmanuelfernandes@gmail.com



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

No decorrer dos encontros do NUPEMSE tivemos acesso ao autor português António Nóvoa que defende uma formação de professores pautada nos problemas escolares, na qual os estudantes universitários vivenciem o ambiente escolar, que se dê *na escola e para a escola*.

É impressionante o fato de hoje eu estar no oitavo semestre do curso de Pedagogia e não ter tido acesso durante a graduação a nenhum texto do Nóvoa. No meu curso já perdi as contas de quantas vezes li Piaget, Vygotsky e Wallom, nada contra esses autores, pois creio que cada um pode dar muita contribuição na nossa prática, mas proponho o estudo de Nóvoa para enriquecer ainda mais o nosso debate em sala de aula.

Visitamos uma escola para observar a prática docente de um professor. Tivemos a oportunidade de observar dois professores na mesma sala, mas em horário distintos; o primeiro professor demonstrou ter domínio da turma, os alunos o temiam e permaneciam em silêncio, porém não pareciam estar concentrados no que o professor explicava, esse docente se utilizava de uma Pedagogia do Medo, fazendo com que seus alunos permanecessem quietos.

Esse primeiro professor é formado em Letras e ministra às matérias de português, artes e história, ele não tem formação em Pedagogia. Esse professor se forjou como professor do ensino básico a partir de experiências práticas e no decorrer da sua prática ficou clara a ausência da Pedagogia.

A segunda professora é formada em Pedagogia e ministra às matérias de ciências, matemática e geografia, essa professora não demonstrou ter o domínio da turma, os alunos fizeram muito barulho, não prestaram nenhuma atenção, brigaram, conversaram e correram dentro da sala de aula, enquanto a professora, inutilmente, tentava contê-los.

Pretendemos nos dedicar à análise da formação dos dois professores um não formado Pedagogia e outro formado nessa ciência. Primeiro, gostaríamos de enfatizar o caráter formativo: ambos não demonstraram habilidade para a mediação da aprendizagem, mostrando carências nesse sentido, os dois foram formados pela URCA, e ao terminarem os seus respectivos cursos foram lançados ao mercado de trabalho para que sobrevivessem, receberam uma formação teórica para, ao final, a



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

colocarem em prática, não tiveram oportunidade, por exemplo, de a partir de uma escola de aplicação desenvolver sua práxis. A leitura veio primeiro, depois a vivência.

Como já dissemos anteriormente, a formação de professores é deficiente, pois ela não contempla uma prática que se mostra necessária, ficando mais centrada na questão teórica. Os alunos saem do Curso de Pedagogia da URCA com muitas ideias e poucas vivências. A lógica da universidade é a seguinte: os alunos devem absorver a maior carga de leituras possíveis e, depois da formação, colocar em prática o que foi aprendido. Acreditamos que uma outra lógica é possível, os alunos deveriam ler e ao mesmo tempo viver as situações lidas, estabelecendo um diálogo entre a prática e a teoria. Esta também parece ser a ideia de Nóvoa (2007 p.05) ao fazer a seguinte reflexão:

É preciso passar a formação de professores para dentro da profissão – soa de modo estranho. Ao recorrer a esta expressão, quero sublinhar a necessidade de os professores terem um lugar predominante na formação dos seus pares. Não haverá nenhuma mudança significativa se a “comunidade dos formadores de professores” e a “comunidade dos professores” não se tornarem mais permeáveis e imbricadas.

Em segundo lugar, gostaríamos de enfatizar a importância desses professores para o crescimento e desenvolvimento da educação. Querendo ou não esses profissionais estão dentro do sistema de ensino, eles o estão vivenciando a cada dia, eles estão lá com suas angústias e inquietações. Para melhorar essa situação, esses professores poderiam contribuir também com desenvolvimento de trabalhos científicos e exposições sobre o seu dia-a-dia. Nóvoa (2007) frisa que muitos falam *de* e *sobre* educação: universitários, jornalistas e especialistas, todos, menos o professor. Os professores não falam sobre educação, não escrevem³ e essa ausência é sentida tanto dentro da academia como dentro das suas escolas e escolas vizinhas, imaginemos uma teia de inquietações dos professores onde uma se entrelaçaria com a outra.

Enquanto isso, dentro da nossa Universidade, lemos textos sobre Práxis, sobre situações cotidianas e usamos refletir sobre esses textos, mas que reflexão é essa? É possível refletir a práxis dos outros? Se sim, por que não refletimos a

³ No momento não quero entrar na discussão da produção acadêmica dos docentes, não que não julgue essa discussão necessária, mas no momento o foco do trabalho é outro.



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

nossa? Por que não uma escola de aplicação, onde pudéssemos estar dentro da escola, de fato supervisionados? Não podemos acreditar que mudaremos a situação educacional apenas com reflexão teórica, isso é pouco, devemos pensar e repensar nossas próprias práticas, porque seremos nós os professores e não aqueles que estão nos formando. Nóvoa (2007 p.) acena para uma saída, pois, segundo ele, essas teorias “só fazem sentido se forem construídas dentro da profissão, se forem apropriadas a partir de uma reflexão dos professores sobre o seu próprio trabalho”.

Diante do exposto fica claro que a forma como o Curso de Pedagogia da URCA está formando professores está muito aquém do necessário. Precisamos experienciar mais, precisamos sentir o chão da escola, como esta pode ser semelhante ou diferente das leituras que fazemos, e como seriam essas vivências? A escola de aplicação seria o ideal, mas no momento nos apegaremos a algo mais emergencial e propomos que cada disciplina tenha um caráter problemático. O Universitário vivenciaria o ambiente de uma determinada escola e elaboraria e aplicaria alguns projetos de intervenção na mesma durante o semestre, por exemplo: se numa escola existem alunos com dificuldades em leitura, os Universitários aplicariam esse projeto e escreveriam sobre essa experiência, outro fator decisivo seria o Universitário estar dentro da escola em uma quantidade X de dias por semana. Acredito que com essa medida podemos não solucionar, mas pelo menos minimizar esse espaço entre teoria e prática dentro da URCA e assim dar o primeiro passo para realmente formarmos professores capazes de interferirem na realidade que vivenciam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

NÓVOA, Antonio. **O Regresso dos Professores**. Lisboa, 2007.